

CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

Vários índices (de Papas e Concílios, de autores e de textos de Direito) enriquecem sobremaneira este trabalho, que é a tese de doutoramento defendida na Faculdade de Teologia de Navarra e que foi publicada pelo Ministério da Cultura e Coordenação Científica (Secretaria de Estado da Cultura e Instituto Português do Património Cultural) através da Biblioteca da Ajuda.

Trata-se de um livro de inequívoco merecimento que traz à luz do dia a perspectiva teológica de uma importante figura do pensamento português do séc. XVI. Assim se vai conhecendo melhor a nossa tradição teológica que outrora floresceu tão brilhantemente. É, além disso, um contributo valioso para uma melhor compreensão da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra.

Manuel Augusto Rodrigues

Francolino J. Gonçalves, *L'expédition de Sennachérib en Palestine dans la Littérature Hébraïque Ancienne*. Publications de l'Institut Orientaliste de Louvain, n.º 34. Université Catholique de Louvain, Institut Orientaliste, Louvain-la-Neuve, 1986, XI+578 p.

F.J.G., doutor em Filologia e História Orientais pela Universidade de Lovaina (doutoramento reconhecido pelas Universidades portuguesas), actualmente professor e vice-reitor da École Biblique de Jérusalem e autor de vasta bibliografia sobre temas bíblicos, apresentou como dissertação doutoral o presente estudo, verdadeiro monumento de ciência e erudição sobre um assunto deveras importante da história de Israel.

As suas pesquisas sobre a expedição de Senaqueribe tiveram como ponto de partida uma «memória» sobre 2 Reis 18, 13-19, 37 (e Isaías 36-37) que havia apresentado à École Biblique et Archéologique Française de Jerusalém em 1971.

O enquadramento histórico do tema é fundamental: a Assíria dominou completamente a cena política do Próximo-Oriente entre meados do séc. IX e as últimas décadas do séc. VII a.C.. A Síria, a Fenícia e a Palestina ficaram sob o império assírio o mais tardar a partir de 732. Foi através de lutas e revoltas que o dominador se impôs. O Egipto, que a princípio apoiava os Estados invadidos, acabou também ele por ser absorvido pela Assíria. Os dois Estados palestinienses, o de Israel ao Norte e o de Judá ao Sul, sofreram duramente

as consequências da prepotência assíria. Israel sucumbiu finalmente em 722, e Judá, embora continuando independente, de facto era como se estivesse sob controle arrírio.

Como não podia deixar de ser, aqueles acontecimentos influenciaram profundamente a tradição bíblica de muitas e variadas formas. A Assíria tornou-se uma grande potência e o seu nome servia mesmo para designar quer a Mesopotâmia (cf. Is. 11, 11.16; 19, 23-25; 27, 13; Os. 11,11), quer uma das potências que se sucederam — Babilónia, Pérsia, Selêucida —, com as quais Judá e o Povo judaico tiveram estreitas relações (cf. Is. 19, 23; Zac. 10, 10-11; Lam. 5,6; Esd. 6, 22).

Vários foram os acontecimentos que constituíram as relações entre Assur e os reinos hebraicos. A revolta de Ezequias depois da morte de Sargão II em 705 e a expedição primitiva de Senaqueribe em 701 foram, sem dúvida, os factos mais importantes para a história bíblica. Pelo menos se se pensa no lugar que tiveram na literatura hebraica antiga. Como escreve o A., que temos vindo a seguir na sua bem elaborada introdução: «Qu'il en soit l'object ou la toile de fond, on le trouve dans un très grand nombre de textes, relevant de genres littéraires divers et d'époques différentes. On en est venu à compter l'issue de l'expédition de Sennachérib parmi les grandes délivrances que Yahvé a accordé à son peuple».

Francolino Gonçalves diz de seguida serem as actividades de Senaqueribe em Judá um dos pontos mais estudados na história judaica. E também um dos mais controvertidos de há um século a esta parte. Em 1967, B. S. Childs resumia a situação dizendo que as investigações acerca das actividades de Senaqueribe na Palestina se encontravam num impasse, do qual se não podia sair se não surgissem novos contributos de dados extra-bíblicos novos. Com efeito, são grandes as divergências existentes entre os textos bíblicos.

Deve dizer-se que desde 1967, altura em que Childs se pronunciou tão negativamente acerca da situação, não se descobriram elementos novos. Em 1980, R. E. Clements escrevia a respeito do estado actual das pesquisas, mas sem enveredar pelo pessimismo de B. S. Childs.

O A. pretende no seu trabalho estudar os reflexos que a revolta de Ezequias e a expedição do Senaqueribe tiveram em Judá. Isso sem perder de vista a realidade histórica da revolta de Ezequias.

Sob que forma se concretizou a revolta, existência ou não de relação intrínseca entre ela e a reforma cultural promovida pelo rei, posição de Isaías acerca da política adoptada

por Ezequias entre 705 e 701, recepção e interpretação da invasão de Senaqueribe nos diferentes meios hebraicos, bem como o alcance havido — eis algumas questões que o A. se propõe esclarecer.

Como metodologia, diz limitar a sua investigação à literatura hebraica anterior à época cristã. E sublinha «ter em vista seguir os métodos da exegese histórico-crítica», que se tornaram clássicos.

Prossequindo na apresentação da sua metodologia, diz Francolino Gonçalves adoptar como esquema começar por uma exposição histórica fundada nos documentos assírios e nos textos bíblicos. Embora o seu objectivo não seja histórico, confessa, e muito bem, que não pode perder de vista essa perspectiva. Não esquece também o contributo da arqueologia.

Para situar a revolta de Ezequias e a expedição de Senaqueribe no quadro das relações entre Judá e Assur, procura primeiramente fornecer a história de tais relações até 701. A sorte de Judá estava relacionada com a dos outros povos da região e dependia duma mesma política assíria. Por isso alarga as suas considerações ao conjunto da Síria - Fenícia - - Palestina. Fornece uma panorâmica sobre a política adoptada por Tiglah-phalazar III e seus sucessores a respeito dos povos que se encontravam sob o seu domínio, especialmente a respeito dos Estados.

Segundo a opinião mais divulgada, a vassalidade trouxe consigo a «assirianação», ou pelo menos uma grave decadência da religião e do culto judaicos no tempo de Achaz. Correlativamente, a reforma de Ezequias representaria a face religiosa da sua revolta anti-assíria. A purificação do yahvismo seria portanto um dos principais móveis. O A. faz um exame cuidadoso das medidas culturais atribuídas, respectivamente, a Achaz e a Ezequias. As realizações do reinado de Ezequias mereceram a Francolino Gonçalves um tratamento especial. A primeira parte termina com uma apresentação do estado das investigações históricas relativas à revolta de Ezequias e às actividades de Senaqueribe na Palestina.

Na 2.^a parte trata-se do impacto da revolta de Ezequias e da reacção de Senaqueribe aos oráculos dos profetas judaicos contemporâneos, Isaías e Miqueias. O A., dentro do rigor científico que orienta todo o livro, aproveita para esclarecer desejar fornecer apenas conclusões novas, interpretações originais e pôr em evidência um aspecto da mensagem de Isaías entre 705 e 701, que é geralmente pouco considerado pela crítica. Deixa, pois, de parte, análises já feitas por outros autores, alguns deles recentes, como H. Wildberger e O.

Kaiser, H. W. Hoffmann, W. Dietrich, F. Huber, H. Barth, J. Vermeylen e R. E. Clements.

A 3.^a parte, a mais pequena, é dedicada a uma série de textos da escola proto-isaiana (I-XXIII). Têm em comum o anúncio do fracasso da Assíria, ou a horde dos povos, frente a Jerusalém. A origem destes textos é controversa. Contudo, são geralmente postas em relação com a expedição palestina de Senaqueribe em 701. Estão no centro das discussões relativas à mensagem de Isaías em 701 e da questão dos contactos entre este profeta e o que se chama tradições de Sião.

Na 4.^a parte, aborda os longos relatos de 2 Reis 18, 13-19, 37 (paral. Is. 36-37 e 2 Cron. 32, 1-23). Cada um dos textos é rigorosamente analisado e situado de forma notável.

Em apêndice, fala o A. do eco da tradição relativa aos acontecimentos de 701 em Tobias, no Sirácides e nos livros dos Macabeus.

A concluir a introdução, volta a referir B. S. Childs e R. E. Clements, dos quais se afasta nalguns aspectos e cujos pontos de vista completa em não poucas perspectivas.

As conclusões que F. J. G. extrai do seu livro são excelentemente articuladas e desenvolvidas.

De referir ainda a vasta e rica bibliografia incluída na parte final a anteceder um índice dos autores citados.

Estamos perante um valioso estudo que abre novos horizontes na investigação do tema escolhido e enriquece sobremaneira a tradição portuguesa na área dos estudos bíblicos. O A. é, pois, merecedor do nosso melhor aplauso pela valiosa obra realizada, a qual mereceu da crítica os melhores elogios.

Manuel Augusto Rodrigues

Egindii Viterbensis O. S. A., *Regestae Generalatus. I. 1506-1514 e Registrum Generalatus. II. 1514-1518*. Publicados por Albericus De Meijer. Fontes Historiae Ordinis Sancti Augustini ab Instituto Historico Augustiniano editi Prima Series: Registra Priorum Generalium, vols. 17 e 18, Roma 1984 e 1988 — 499 p. e 383 p.

Alberic de Meijer, bibliotecário da Biblioteca do Convento dos Padres Agostinhos de Eindhoven, é Autor de muitos e valiosos trabalhos sobre a história da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, da qual é membro ilustre. Agora aparece com a publicação destes dois preciosos volumes em que se